

PETROBRAS, Ductor e Kinoscópio
apresentam

CAPARAÓ

Um filme de FLAVIO FREDERICO

CAPARAÓ, A PRIMEIRA TENTATIVA DE GUERRILHA RURAL NO BRASIL

Após o golpe de 1964, a "Guerrilha de Caparaó" foi a primeira tentativa de luta armada organizada contra o regime militar no Brasil. Caparaó foi patrocinada pelo presidente cubano Fidel Castro e organizada por Leonel Brizola, durante o seu exílio no Uruguai. Para reprimir o movimento, o governo militar utilizou cerca de 4.000 homens do Exército, Aeronáutica e das Polícias Militares de Minas e Espírito Santo, em uma das maiores operações militares realizadas no país. Mesmo assim, até os dias de hoje, pouco foi divulgado sobre o assunto.

O filme busca resgatar este episódio que foi até então quase que ignorado pela sociedade brasileira, chegando a ser ridicularizada como a guerrilha que nunca existiu. Como a maioria de seus personagens principais encontram-se vivos, pude recontar esta história com as fontes primárias, oito ex-guerrilheiros, três ex-policiais militares que os prenderam e um membro da cúpula da organização de esquerda a que o grupo pertencia, o MNR de Leonel Brizola. O filme desenvolve-se exclusivamente em cima destes relatos, sem narrador em off, e buscando reconstituir alguns episódios. Assim, esta "história de um fracasso" revela seus personagens, hoje espalhados pelo Brasil e pessoas anônimas, mas todas seguras de que fizeram o que poderiam fazer na ocasião. Somos nós espectadores que assistimos abismados a fatos tão interessantes que passaram todos estes anos desconhecidos do grande público e até mesmo da literatura especializada. Podemos entrar na perspectiva destes homens tão diferentes mas que por motivos diversos, que vão desde a convicção político-ideológica até a necessidade de sobrevivência ("do coração ao estômago"); partiram em uma aventura extrema de revolta contra o Golpe Militar. Em agosto de 1966, o grupo formado na sua maioria por ex militares expurgados pelo regime, se instalou em condições precárias, no alto da Serra do Caparaó, na divisa do Espírito Santo com Minas Gerais, iniciando um rigoroso treinamento militar, na tentativa de preparar o que seria o início de uma grande reação nacional contra o novo regime. A princípio eram financiados por Leonel Brizola, de seu exílio no Uruguai, com dinheiro arrecadado com o presidente cubano Fidel Castro. Permaneceram cerca de oito meses na Serra sem efetuar uma única ação a não ser treinamentos militares, construção de esconderijos para armamentos e provisões (alimentos enlatados e remédios em sua maioria); a espera de uma ordem de ação que nunca veio. Foram surpreendidos pela Polícia Militar de Minas Gerais na madrugada do dia do terceiro aniversário do Golpe, 1 de abril de 1967. Não reagiram, restavam apenas sete do grupo inicial de dezessete, alguns a beira da morte. Sem saber o que ocorria na Serra, mas alertados da prisão de um ex-sargento paraquedista vindo de Caparaó, um grupo de quatro combatentes do MNR do Rio de Janeiro partiu para a Serra para juntar-se ao grupo. Acabaram entrando no meio da operação de guerra e também acabaram presos, quando ocorreu o único tiroteio da operação. Esta parte da história é narrada por um ex-combatente deste grupo, o civil Hermes..., único pertencente ao "Grupo do Rio" encontrado pela produção.

Todos ficaram presos em Juiz de Fora, aguardando o julgamento militar, quando o único membro civil do grupo da Serra, Milton.... foi barbaramente assassinado. Na época foi forjado uma prática que depois se tornaria comum no regime: a do "suicídio do prisioneiro".

Na época o governo, que a princípio negou a existência do movimento e depois armou a enorme operação de limpeza da Serra do Caparaó, fez uso político do movimento relacionando-o a outras guerrilhas sul americanas como a de Che Guevara na Bolívia durante a Cúpula de Segurança das Américas em Punta del Este, alguns dias depois da prisão, em 1967. Coincidente um ano depois o regime endureceria a partir da edição do Ato Institucional # 5.

O filme retrata um dos períodos menos conhecidos da luta armada contra o regime militar e as primeiras tentativas de reação militar ao golpe tentando ocupar assim uma parte desta lacuna histórica.

CONTEXTO POLÍTICO

A guerrilha do Caparaó foi a primeira tentativa de luta armada organizada dentro do Brasil pós golpe. Teve repercussão internacional junto com movimentos parecidos em outras partes do mundo (Congo, Bolívia) e suporte financeiro (Cuba) e organização externa (Uruguai). Nos primeiros anos do regime militar, especialmente durante o governo do General Castelo Branco, ainda havia uma tentativa de dar uma aparência de legalidade e democracia ao regime: existiam eleições indiretas, a Câmara dos Deputados e o Senado aparentemente legislavam democraticamente, e a repressão ainda era mais branda, principalmente no tocante aos organismos de repressão.

Logo após o golpe, nos primeiros meses de 1964, houveram choques violentos entre o regime e seus opositores. Mas a partir de 1965 até 1968, com a decretação do AI-5, houve um período de estagnação e desarticulação política dos mecanismos contrários ao regime. As primeiras tentativas de insurreição partiram de ex-militares (guerrilha do Cel. Jefferson Cardim) e de duas tentativas de levante no Rio Grande do Sul (retratadas no filme) organizadas por Leonel Brizola. No exílio no Uruguai, primeiro em Montevideo e posteriormente no balneário de Atlântida, Brizola coordenou as primeiras tentativas organizando a massa de ex-militares expurgados e outros exilados políticos que foram se refugiar no país vizinho. Conseguiu apoio financeiro de Cuba através de seu enviado, o ex-deputado Neiva Moreira e da ajuda da AP (Ação Popular) de Herbert de Souza, o Betinho; tornando-se assim a principal figura política brasileira de oposição no exílio, for a do Partido Comunista.

No Uruguai Brizola foi procurado pelo grupo de ex-sargentos comandado por Amadeu Felipe da Luz Ferreira, um ex sargento do exército, nascido em Santa Catarina, membro do PC e ativista político desde a luta pela constitucionalidade em 1961 pela posse de Jango. Amadeu buscava apoio para algo que vários ex-sargentos planejavam desde que foram expurgados e presos após o golpe: a guerrilha rural. A princípio Brizola não apoiava a idéia, mas depois dos fracassos dos levantes gaúchos, decidiu apoiar a iniciativa financeiramente. Brizola agregou a seus mais próximos colaboradores como Paulo Schiling, Flavio Tavares e Neiva Moreira; um grupo de marinheiros expurgados, e criou o MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário), com uma base de apoio no Rio de Janeiro, comandada pelo professor Bayard De Marie Boiteaux, ex-dirigente do Partido Socialista Brasileiro. Viabilizou o envio de 22 combatentes para treinamento em Cuba e após uma tentativa fracassada de instalação da guerrilha em Criciúma viu o primeiro foco de guerrilha rural do Brasil ser implantado na Serra do Caparaó.

Porém, com a demora em definir uma ação, e com a aproximação entre Cuba e Mariguella (Fidel preferiu dar apoio a este último); o movimento perdeu força política e auxílio financeiro, deixando praticamente os guerrilheiros abandonados a própria sorte no alto da Serra. Quando foram presos pela Polícia Militar de Minas Gerais, os guerrilheiros estavam em crise interna entre sargentos do exército e marinheiros, famintos e doentes. Através dos interrogatórios e da prisão do grupo do Rio a base carioca foi rapidamente desmantelada e, para proteger Leonel Brizola, o falecido Professor Bayard Demarie Boiteaux confessou ser o líder do movimento.

NOTAS DO DIRETOR

Em 2003, quando realizava um documentário sobre a Serra da Mantiqueira descobri que o final da Serra era considerado o maciço do Caparaó, na divisa do Espírito Santo com Minas Gerais, local do Pico que foi considerado por cerca de 470 anos o mais alto do Brasil, o Pico da Bandeira. Já tinha ouvido falar na Guerrilha de Caparaó e procurei pesquisar o assunto. Fui frustrado pela absoluta ausência de bibliografia com qualidade sobre o tema. Alguns livros sobre os movimentos de esquerda tocavam na questão, mas não se aprofundavam mais do que os jornais já o fizeram. Um único livro específico sobre esta guerrilha tinha o grave problema de se basear no relato de uma única fonte, falecida a vinte anos. Parti para a região em busca da história e para filmar as últimas cenas do documentário "Serra". A população local apenas sabia uma parte dos fatos e, ou não gostava de falar, ou partia para relatos de histórias absurdas com os "homens de barba, cabeludos". Mas pude encontrar ainda alguns personagens que haviam participado dos fatos: um fazendeiro que os havia delatado a polícia, o guarda florestal que levou os policiais militares até o local do último acampamento, e finalmente um farmacêutico que vendeu remédios a um guerrilheiro e o entregou para a polícia, que deste modo acabou descobrindo o local do último acampamento.

Voltei disposto a viabilizar este documentário. Depois de conseguir um patrocínio através da Lei Mendonça (Incentivo Municipal, Lei 10923/90); voltei a Serra de Caparaó em 2004, agora acompanhado de um dos guerrilheiros que estiveram lá, o segundo subcomandante do Grupo, o ex-sargento Araken Vaz Galvão. Extremamente falante e bem humorado, Araken conduz grande parte do documentário, junto com a comandante do grupo guerrilheiro, o ex sargento Amadeu Felipe da Luz Ferreira, a quem entrevistei em seu apartamento em Londrina/PR, também em 2004.

Ajudado pelo escritor capixaba, José Caldas, que na época finalizava seu livro sobre a guerrilha e me ajudou a encontrar a maioria dos guerrilheiros, fiz entrevista com mais seis ex guerrilheiros: os ex-marinheiros Avelino Capitani, em Porto Alegre, Amarantho Rodrigues e Jorge José da Silva no Rio de Janeiro; o ex sargento da Marinha Edval Melo em Pão de Açúcar/AL; o ex sargento paraquedista do exército Jelci Rodrigues e o civil Hermes Machado que pertencia ao braço do MNR no Rio de Janeiro. Procurei também os ex-policiais militares mineiros que os prenderam, conseguindo entrevistar o comandante da operação de Limpeza da Serra, o Coronel Jacinto Amaral Mello em Betim; o ex oficial de informação da PM mineira, Major Zezinho e o ex-sargento Sebastião Rocha em Manhuaçu.

Para compreender melhor a organização internacional da guerrilha e como funcionava o MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário), entrevistei o jornalista e escritor Flávio Tavares, que fazia parte da cúpula do movimento e desenvolvia um outro foco guerrilheiro no Brasil Central, também financiado por Cuba. Através destes depoimentos pude reconstituir passo a passo a tentativa de se fazer uma Sierra Maestra brasileira, como definiu o poeta Carlos Drummond de Andrade na ocasião, em uma crônica para o jornal O Estado de Minas.

Passei pouco mais de um ano montando o filme e pesquisando em arquivos no Rio de Janeiro e em São Paulo e resolvi voltar a Serra com o comandante da guerrilha, Amadeu Felipe, que me convencera que poderíamos achar as armas enterradas na época. Decidi então fazer também as cenas ficcionais do momento da principal prisão, a do grupo de oito guerrilheiros na madrugada do dia 1 de abril de 1967. Filmei-as sob dois pontos de vistas que haviam se mostrado conflitantes nos depoimentos: o dos guerrilheiros e o da polícia. A cena da prisão feita a partir do relato de Amadeu Felipe, orientado por ele próprio no set, foi filmada em película 16mm com uma antiga câmera a corda. Depois refilmei a cena a partir do relato do ex-Cabo Rocha. Para este ponto de vista dos policiais, utilizei vídeo night shot, por acreditar que esta estética está muito associada as imagens oferecidas pelas polícias e pelos exércitos. Não conseguimos chegar no local onde estavam escondidos os armamentos, mas depois de garpar novos depoimentos de Amadeu pude voltar a ilha de edição e finalizar o filme acrescentando as únicas cenas filmadas na ocasião, descobertas nas sobras do material da Tupi guardadas na Cinemateca Brasileira (conforme relato abaixo).

DOCUMENTOS E IMAGENS DE ARQUIVO

A pesquisa de documentos e imagens de arquivo foi feita durante os três anos de produção do documentário pelo próprio realizador, Flavio Frederico (Documentos, fotos e imagens de arquivo); pelo jornalista e historiador Paulo Canabrava (Pesquisa Histórica), pela pesquisadora Lara Crepaldi (Fotos) e pela pesquisadora Alejandra Hope (imagens de arquivo).

Neste processo foram descobertos documentos inéditos e confidenciais nos antigos arquivos do DOPS em São Paulo e no Rio de Janeiro, fotos e matérias de jornais nos Arquivos Públicos do Estado de São Paulo e da Cidade do Rio de Janeiro e imagens inéditas das operações em Caparaó, no arquivo da extinta TV Tupi alocado e recuperado pela Cinemateca Brasileira. Essas imagens foram telecinadas e exibidas pela primeira vez, visto que se tratam de sobras das matérias brutas filmadas na região na ocasião. Também contei com a inestimável colaboração dos entrevistados que além de concordarem em ceder seus relatos pessoais, cederam diversas fotografias e documentos.

TRILHA SONORA

A trilha sonora de Caparaó é original. Foi composta e gravada por Beto Villares, Fernando Catatau e Kalil, no final de 2005.

Apenas na sequência final foi utilizada uma música gravada: "Marginália II" (19..), de Gilberto Gil, pois além de ter sido composta na época e não fazer parte do roll de músicas mais tocadas dos 60/70, encontrei na letra uma fina ironia de nosso país e daquele momento em especial.

ESTRATÉGIA DE LANÇAMENTO

Ciente das dificuldades de lançamento de um filme documentário resolvemos adotar uma estratégia diferenciada, mais apropriada para o gênero. Ao invés de ser o terceiro ou quarto produto de uma distribuidora, a própria produtora, Kinoscópio irá distribuir o filme; coordenado pela produtora cultural Cristina Alves.

O filme será exibido em salas de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Vitória, Porto Alegre, Curitiba, Campinas, Santos, Recife, Salvador, Goiânia todas através do sistema de exibição digital Rain ou equivalente.

Em cada praça importante de lançamento o diretor comparecerá acompanhado de ao menos um ex-guerrilheiro e serão promovidos debates, palestras em Universidades e entrevistas coletivas. O interesse pelo tema têm se mostrado surpreendente. O filme ganhou o mais importante festival do gênero na América latina, o Festival "É Tudo Verdade" do ano passado e recebeu excelentes críticas na ocasião. Além do prêmio, o filme teve boa receptividade em todas as sessões. O filme também foi selecionado para a Mostra Competitiva de Documentários "Première Brasil" do Festival do Rio/06 e premiado no Festival de Documentários com Imagens de Arquivo, o Recine/2006.

Também pretendemos levar este documentário para lugares onde, normalmente, este tipo de filme não chega. Por exemplo, as praças fora do eixo Rio-São Paulo e, especialmente, a região da Serra de Caparaó (MG/ES); lugares nos quais, as populações locais sempre ouviram falar da história mas pouco sabem realmente. Agora estas pessoas terão uma oportunidade única de assistir a uma ampla versão e reconstituição dos fatos, assim como passar para as gerações futuras um novo olhar sobre aqueles acontecimentos, até hoje vistos de maneira preconceituosa e parcial. Nestas exibições também haverá debates e discussões com o diretor e convidados.

SINOPSE

O filme retrata a primeira tentativa de luta armada organizada contra o regime militar no Brasil pós 1964. No alto da Serra do Caparaó, na divisa do Espírito Santo com Minas Gerais, em agosto de 1966, um grupo formado na sua maioria por ex militares expurgados pelo regime, se instalou em condições precárias, iniciando um rigoroso treinamento militar, na tentativa de preparar o que seria o início de uma grande reação nacional contra o novo regime.

A guerrilha foi patrocinada pelo presidente cubano Fidel Castro e organizada por Leonel Brizola, durante o seu exílio no Uruguai. Para reprimir o movimento o governo militar utilizou cerca de 3.000 homens do Exército, Aeronáutica e Polícias Militares de Minas e Espírito Santo, numa das maiores operações militares realizadas no país. Através dos depoimentos de ex guerrilheiros, escritores, jornalistas, policiais militares, e todos os envolvidos diretamente com a guerrilha; o filme pretende dar novos significados para a tentativa de se fazer uma "Sierra Maestra" em terras brasileiras.

SINOPSE REDUZIDA

O filme retrata a primeira tentativa de luta armada contra o regime militar no Brasil pós 1964. No alto da Serra do Caparaó, em agosto de 1966, um grupo formado na sua maioria por ex militares expurgados pelo regime, se instalou em condições precárias, na tentativa de preparar o que seria o início de uma grande reação nacional contra o novo regime. O filme pretende repensar o acontecimento, revelando passo a passo, a tentativa de se fazer uma "Sierra Maestra" em terras brasileiras.

PRÊMIOS:

Melhor Filme Brasileiro de Longa Metragem no Festival É Tudo Verdade/06
Melhor Filme, Melhor Roteiro e Melhor Pesquisa no Recine 2006

PRINCIPAIS FESTIVAIS:

Festival Internacional de Documentários "É Tudo Verdade"/06
Mostra de Cinema de Conquista/06
Mostra de Vídeo Ambiental de Caparaó/06
Muestra Internacional Documental de Bogotá/06
Festival do Rio/06
Festival Internacional de Documentarios do México/06
Mostra Indie BH/06
Festival de Filmes de Arquivo Recine /2006

EQUIPE PRINCIPAL:

ROTEIRO E DIREÇÃO: Flavio Frederico
FOTOGRAFIA: Carlos André Zalasik
PESQUISA: Alejandra Hope/Flavio Frederico/Iara Crepaldi/Paulo Canabrava
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: Priscila Torres
MONTAGEM/ANIMAÇÃO Vítor Alves Lopes
SOM DIRETO: Gabriela Cunha
EDIÇÃO DE SOM: Eduardo Santos Mendes
TRILHA SONORA: Beto Villares / Fernando Catatau / Kalil
PRODUÇÃO EXECUTIVA: Flavio Frederico

PATROCÍNIO

Petrobras, Lei Roanet através do Programa Petrobras Cultural
Ductor Implantação de Projetos, através da Lei Municipal de São Paulo 10923/90 (Lei Mendonça)

APOIO CULTURAL

Cinemateca Brasileira, Arquivo Nacional, TeleImage, Zalasik, Inacreditável

NOTAS DE PRODUÇÃO

Captado em vídeo digital e 16mm.

Masterização Digital RAIN.

Rodado entre Junho de 2003 e Maio de 2005, em Alto Caparaó, Caparaó, Espera Feliz, Manhuaçu, Vitória, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Pão de Açúcar (AL) e Londrina.

Custo total da produção: R\$ 553.000,00.

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS

Bitola de gravação: S-16mm / 16mm / DVCam

Bitola de finalização: Digital (RAIN)

Duração: 77 minutos

CONTATOS

PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO:

Kinoscópio Cinematográfica
Rua Davi Canabarro 103, Alto da Lapa, CEP
São Paulo, SP

Tel/Fax: 11 3861 0182 / 36444196

kinoscopio@attglobal.net

Flavio Frederico

Tel: 11 8584 1533

flafre@attglobal.net

ASSESSORIA DE IMPRENSA:

Brasil:

ProCultura

Margarida Oliveira - margom@uol.com.br

Carolina Moraes - carolina@procultura.com.br

Tel.: +55 11 3263 0197

DISTRIBUIDOR INTERNACIONAL:

Elo Audiovisual

Sabrina

Tel: 11 9767 7290 / 3023 6270

Rua Dona Elisa de Moraes Mendes 802, Alto de Pinheiros

São Paulo, SP, CEP 05449-001

O DIRETOR

BIOGRAFIA DO DIRETOR

Flavio Frederico nasceu em 1969, no Rio de Janeiro. Estudou Arquitetura e Cinema na Universidade de São Paulo. Desde 1988 trabalhou em diversas atividades audiovisuais como fotografia, televisão e cinema. Em 1992, na USP fez seu primeiro curta, "Nazareno". De 1993 a 1997 foi o coordenador de estúdio da O2 Filmes, aonde produziu seu segundo curta, "Vencido". Em 1998 co-produziu seu terceiro curta, "Todo Dia Todo" com a Superfilmes. O filme obteve grande êxito internacional sendo premiado na Espanha (Bilbao e Barcelona), Itália (Montecatini), Estados Unidos (San Francisco), Dinamarca (Odense) e Alemanha (Munich). No Brasil recebeu os prêmios principais na Jornada de Cinema da Bahia e no Festival do Rio. Esteve na seleção oficial do Festival de Cinema de Nova York, Sundance, Rotterdam, Hamburgo, Bruxelas, Biarritz e outros 30 festivais internacionais. O filme foi vendido para televisões de cinco países (EUA, Espanha, Noruega, Dinamarca e França). Em 1999 finaliza seu primeiro curta documental, "Copacabana", premiado no Festival de Gramado, Festival Int. de Documentários "É Tudo Verdade", Festival de Brasília, Festival do Recife e Festival de Curitiba. Internacionalmente esteve em Rotterdam, Oberhausen, Vila do Conde, Drama, Bristol e no London Film Festival/00. Em 2000 foi diretor assistente da série premiada de dez documentários para TV "O Povo Brasileiro" (GNT/TV Cultura) tendo dirigido a filmagem de 4 episódios. Neste mesmo ano lança seu quinto curta, "Pormenores", Foi eleito um dos cinco melhores curtas do ano no Grande Prêmio Cinema Brasil e um dos três finalistas do Prêmio ABC de Cinematografia, sendo premiado nos Festivais de Vitória e Varginha. Internacionalmente foi exibido em festivais como Tampere (Finlândia) e Aspen (EUA). Seu primeiro longa, "Urbânia", com roteiro premiado pelo Fundo Hupert Bauls da Holanda, foi lançado em 2001 tendo sido premiado em Gramado e na Jornada da Bahia. Na sua primeira exibição pública, no Festival de Rotterdam (Holanda), obteve média de 8,26 do público. Foi selecionado para os festivais de Montreal, Mannheim-Heidelberg, NY Latin Beat, Mar del Plata entre outros. Comercialmente foi lançado em salas de São Paulo, Rio, Porto Alegre e Vitória. Em 2002 lança o curta "Ofusca", roteiro contemplado com o prêmio estímulo para realização de filme de curta metragem. O filme teve sua estréia mundial no Festival de Oberhausen (Alemanha) e foi premiado nos Festivais de Recife, Cuiabá e recebeu o prêmio dos cineclubes portugueses no festival Luso Brasileiro (Portugal). Em 2003 finaliza o documentário para tv, "Serra", e em 2004 realiza o documentário "São Paulo – retratos do mundo", com produção da Dezembro Editorial, ambos selecionados para o festival mais importante do gênero na América Latina, o "É Tudo Verdade". Seu novo curta metragem "Red", recebeu os prêmios de melhor filme pelo júri popular, melhor direção e melhor fotografia no Festival de Cuiabá/05, melhor direção no Festival de Vitória/06 e melhor roteiro no Festival de Belém/05. "Caparaó", seu novo documentário, recebeu o prêmio de Melhor Longa Metragem Brasileiro no Festival "É Tudo Verdade" 2006, em sua primeira exibição pública. Fez também a produção executiva dos longa metragens; "Seja o que Deus quiser" (2002) de Murilo Salles, "Árido Movie" (2005) de Lírio Ferreira e em 2006 o novo filme de Murilo Salles "Uma História Real". Agora desenvolve o projeto de seu próximo longa de ficção, "Boca do Lixo", projeto premiado para Desenvolvimento pelo MINC e finaliza seu novo documentário: "Quilombo".

BIOGRAFIA CURTA DO DIRETOR

Flavio Frederico nasceu em 1969, no Rio de Janeiro. Estudou Arquitetura e Cinema na Universidade de São Paulo. Realizou sete curtas premiados internacionalmente. Destacam-se "Todo Dia Todo", "Copacabana", "Pormenores", "Ofusca" e "Red". Exibidos em importantes festivais como Oberhausen, NYFF, Rotterdam, Sundance, Seu primeiro longa, "Urbânia", foi lançado em 2001 tendo sido premiado em Gramado e na Jornada da Bahia. Na sua primeira exibição pública, no Festival de Rotterdam (Holanda), obteve média de 8,26 do público. Foi selecionado para os festivais de Montreal, Mannheim, NY Latin Beat, Dirigiu também três documentaries, "Serra", "São Paulo – retratos do mundo", e "Caparaó", este último ganhador do prêmio de Melhor Longa Metragem Brasileiro no Festival "É Tudo Verdade" 2006,

em sua primeira exibição pública. Agora desenvolve o roteiro de seu próximo longa de ficção, "Boca do Lixo", projeto contemplado com o prêmio para desenvolvimento do MINC. Fez também a produção executiva dos longa metragens; "Seja o que Deus quiser", de Murilo Salles, "Árido Movie", de Lírio Ferreira e o novo filme de Murilo Salles "Uma História Real".

FILMOGRAFIA

Ano	Título	Duração	Bitola final	Gênero
1992	Nazareno	17 min	35mm	Curta Ficção
1996	Vencido	13 min	35mm	Curta Ficção
1998	Todo dia Todo	11 min	35mm	Curta Ficção
1999	Copacabana	13 min	35mm	Curta Doc
2000	Pormenores	5 min	35mm	Curta Ficção
2001	Urbania	70 min	35mm	Longa Ficção/Doc
2002	Ofusca	13 min	35mm	Curta Ficção
2003	Serra	80 min	Beta Digital	Documentário
2004	São Paulo - retratos	76 min	Beta Digital	Documentário
2005	Red	18 min	35mm	Curta Ficção
2006	Caparaó	77 min	Digital Rain	Longa Doc

CRÉDITOS FINAIS

DIREÇÃO/ROTEIRO Flavio Frederico
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA Carlos André Zalasik
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO Priscila Torres
ASSISTÊNCIA DE DIREÇÃO Francisco Garcia
PRODUÇÃO EXECUTIVA Flavio Frederico

MONTAGEM Vitor Alves Lopes
PESQUISA HISTÓRICA Paulo Canabrava
PESQUISA ICONOGRÁFICA Iara Crepaldi
Flavio Frederico
PESQUISA de IMAGENS Alejandra Hope
Flavio Frederico
DESIGN GRÁFICO Job Design
ANIMAÇÕES/AFTER Vitor Alves Lopes
COLABORAÇÃO ROTEIRO
Claudia de Senna Frederico
Mariana Pamplona
Priscila Ribeiro
Silvio da Rin
PRODUÇÃO DE LANÇAMENTO Cristina Alves

TILHA SONORA

Beto Villares
Fernando Catatau

Kalil

MÚSICOS

Beto Villares
Curumim
Fernando Catatau
Guilherme Mendonça

Kalil

Régis Damasceno

Thomas Rohrer

ESTÚDIO TRILHA

Ambulante

Totem Estúdios

MIXAGEM Beto Villares

Kalil

MÚSICA FINAL "Marginália II"

Gilberto Gil/Torquato Neto

Gegê Produções/Editora Arlequim

SOM DIRETO Gabriela Cunha

EDIÇÃO DE SOM/MIXAGEM Eduardo Santos Mendes

ASSISTENTE DE SOM Claudio Augusto

ESTUDIO DE EDIÇÃO/MIXAGEM Estudio de Som

FIGURINO/OBJETOS Mariana Pamplona

APOIO LOCAL Dalmes Dutra Júnior

ATORES FICÇÃO

Antonio Carlos da Silva

Ângelo Márcio Marcelino Rodrigues
Edílson Jansen de Moura
João Ricardo M. Palermo
Juverlane F. Santos
Maurício Barreto Mascarenhas
Paulo Sérgio Emmerick
Sérgio Sathler Aguiar

FOTOGRAFIA ADICIONAL Hécio "Alemão" Nagamine

Flavio Frederico

ASSISTENTES DE CÂMERA André Geniski

Francisco Garcia

STILL Marcelo Soubhia

MAQUINISTA/ELETRICISTA João Ricardo M. Palermo

SECRETÁRIAS DE PRODUÇÃO Rita Banho Pamplona

Iara Ferreira de Amorim

Kátia Trevisan

Laura Mansur

ESTAGIÁRIA DE PRODUÇÃO Mariana Palhares

CONTABILIDADE Jandira Novais

Iara Ferreira de Amorim

ENTREVISTADOS

Amadeu Felipe da Luz Ferreira

Amaranto Jorge Rodrigues

Antonio Pereira Leite

Araquém Vaz Galvão

Avelino Bioen Capitani

Chiquinho Protázio

Daltro Jaques Dornelas

Edival Augusto de Melo

Esther Kuperman

Flavio Tavares

Geraldo Lannes

Hermes Machado Neto

Jacinto Franco do Amaral Melo

Jelci Rodrigues

José Caldas

José Jorge da Silva

Juverci Emerick

José do Nascimento

Sargento Rocha

Vagner Orlandi

ARQUIVOS ICONOGRÁFICOS

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Agência JB

Agência Estado

Acervos pessoais dos entrevistados

Biblioteca Municipal de Juiz de Fora

Jornal O Estado de Minas

Jornal A Folha de São Paulo

ARQUIVOS DE IMAGENS EM MOVIMENTO

Arquivo Nacional
Arquivo Silvio da Rin
Arquivo Silvio Tandler
Cinemateca Brasileira
TVCultura
IMAGENS DE CUBA "Revolución"
de Vítor Pahlen (MagnusOppus/DVD)

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

"A Guerrilha de Caparaó, entre cabras e ratos"
de José Caldas
"A guerrilha de Caparaó (1966-67),
um ensaio de resistência"
de Esther Kuperman
"A Guerrilha de Caparaó"
de Gilson Rebello
"A guerrilha de Caparaó e outros relatos"
de Bayard Maria Boiteaux
"As Ilusões Armadas"
de Élio Gaspari
"A Rebelião dos Marinheiros"
de Avelino Bioen Capitani
"Dos quartéis `a espionagem"
de José Argolo e Luiz Alberto Fortunato
"Memórias do Esquecimento"
de Flávio Tavares
"Tortura e Morte do Sarg. Manoel Raimundo Soares"
de Jacques D'Ornellas
"1961: Que as armas não falem"
de Paulo Markun e Duda Hamilton

LABORATÓRIOS Cinema

MegaColor
Casablanca
TELECINE Tele Image
Estudios Mega
Cinegrafika
COLORISTAS Marcio Pasqualino
Alex Yochinaga
Manuel Alexandre Junior
João Teodoro
TAPE TO TAPE Luciano Guimarães

APOIO CULTURAL

Arquivo Nacional
Central de Locação
Zalasik Produções
Tele Image

AGRADECIMENTOS

Beth Sá Freire
Beto Tibiriçá

Carlos André Zalasik
José Caldas
Mario Borgnet
Paulo Canabrava
Silvio da Rin
Sonia Coutinho Forster

11 Batalhão da Polícia Militar/MG de Manhuaçu
Agência Fruto da Terra
Caparaó Parque Hotel
Parque Nacional do Caparaó/IBAMA
Polícia Militar do Estado de Minas Gerais
Penitenciária José Edson Cavalieri

E a todos que colaboraram
para contar esta história

© Kinoscópio Cinematográfica, 2006